

A Recorrência em Lya Luft: A educação primária como traço delineador do gênero

Luiz Carlos Santos Prado, Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão – SE, lu_ meninodorio@hotmail.com; Sônia Pinto de Albuquerque Melo, Universidade Federal de Sergipe - São Cristóvão – SE, Sonia.pamelo@gmail.com;

Resumo: Sob a perspectiva dos recentes estudos culturais, esta comunicação pretende fazer uma abordagem das características da pós-modernidade na obra de Lya Luft tendo como foco principal a formação da identidade e delineação da sexualidade, reflexos da educação primária, enquanto tema recorrente nas narrativas “A asa esquerda do anjo” (Luft, 2003); “As parceiras” (Luft, 2001), “Reunião de família” (Luft, 2002) e o “Quarto fechado” (Luft, 2004). Para alcançar os objetivos propostos, este estudo se apoiará nas teorias de Hall (2001), Guidens (1996), uma vez que tais estudiosos trazem suportes condizentes à proposta desta pesquisa. Desta maneira, pode-se afirmar que este estudo vincula-se aos estudos do gênero aliado à perspectiva da educação primária.

Palavra-chave: Literatura – gênero – educação primária

Seminário do 16º COLE vinculado: 03

A Recorrência em Lya Luft: A educação primária como traço delineador do gênero

“Metáfora da Vida e do Homem¹”. Sendo então metáfora o texto literário apresenta uma carga semântica expressa, de forma que predominará o significante e não por um significado pronto, único. O estudioso, o crítico da obra literária que for buscar um só significado, estará matando a obra.

Característica da arte literária, a plurisignificância é mais presente no modernismo, visto como estética interpretativa do mundo e do homem do século XX, marcados pelo mecanicismo, pela fugacidade consciente, pelos estudos acerca do existencialismo, pela angústia do ser o do existir, entre outras marcas.

Tais características são visivelmente expressas na produção literária da gaúcha Lya Luft, escritora contemporânea que deixa sua marca na chamada literatura introspectiva, de sondagem psicológica, destacada pelo chamado fluxo da consciência dos personagens. Estes desfilam num palco onde porões e sótãos tornam-se coadjuvantes no que se refere ao desenrolar da trama.

¹ Este é o conceito dado à literatura pela professora Joana Cavalcanti. In: CAVALCANTI, Joana. *Caminhos da Literatura Infantil e Juvenil*. São Paulo: Paulus, 2002 p.16.

Nos textos de Lya Luft, há uma constante sucessão de personagens que simbolizam categorias marcadas pelos traumas de infância, pela castração e pelo grotesco. Aqui seja lembrado que os textos Luftianos destacam o abjeto, o vil, o sujo como raiz, geradora, e fruto das frustrações das personas que, ironicamente, marcam casarões e espaços afetados e afetadores daqueles que ali vivem. Diante disso, os seres serão vítimas de seus algozes e espectros interiores, o que prova que cada personagem é vítima e réu de si mesmo. Entretanto as causas inocentariam-nos frente a um julgamento.

Recorrentemente, esses pontos aparecem em muitas narrativas pós-modernas e em especial na referida escritora. Sua linguagem é ao mesmo tempo um desvendar-se e um esconder-se em cada quarto fechado, em cada sótão e em cada porão. Assim, cada personagem revela-se e se esconde pela e para linguagem, trazendo à tona sua essência, marcada pelo medo que toca o incomum, o infrequente, o raro.

A função primeira, portanto, dos recônditos povoados pelo interno e externo das figuras humanas eleitas pela escritora não é apenas o enfrentamento diante de uma situação inominável, mas principalmente um tornar-se erupção do ser diante das buscas e trajetórias individuais, revelação de um êxtase constitutivo do humano.

Por isso, não é possível desnudar e adentrar o mundo Luftiano pela semântica da simplicidade. Obviamente a arte registra a intencionalidade do autor/narrados de tornar realidade um objeto de ficção. Mas a questão é: De quem e sobre o que fala Lya Luft? A resposta mais óbvia seria família. Célula povoada por sujeitos angustiados e temerosos do porvir.

Em “As parceiras”, a protagonista narradora, Anelise, retorna ao casarão para buscar a estrutura orgânica das vozes que gritam dentro de si mesma: vozes de traumas e tormentos. Nessa revisitação, ela faz um *flash back* de sua infância, chaga da qual fizeram parte a avó Catarina, que ao casar-se aos quatorze anos fora abusada pelo marido, um homem rude que a leva a um isolar-se, a um ensimesmamento, à clausura, à loucura, à derrocada.

Esses acontecimentos marcarão a vida de todas as mulheres da família, filhas de Catarina: Dôra, que sublima a dor na pintura; Beata, que utiliza a religião como válvula de escape, uma vez que perdera o marido após quinze dias de casada; Norma, mãe da protagonista, ausente aos afazeres domésticos, limitada ao mundo de “um piano e de um marido-médico-pai”; Sibila, a última filha, do sexo rejeitado por Catarina que, por coincidência, nasce deficiente, simbolizando a repulsa aos abusos sexuais do esposo – “*E Catarina sucumbiu a um fundo terror do sexo e da vida. Não os medrosos pruridos de muitas noivinhas do seu tempo, mas uma agoniada compulsão de fugir*”².

Nesse confinamento, a protagonista terá na amiga Adélia o refúgio, uma vez que se vê sozinha, deslocada numa família onde a irmã Vânia, mais velha que ela,

² LUFT, Lya. *As Parceiras*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980, p.13.

entretinha-se com namoricos e futilidades, o que não quer dizer que esta última tivera um destino feliz. Porém, em uma ocasião, Adélia despenca de uma montanha, vindo a óbito, Anelise carregará em si a marca da dor. Possivelmente, emerge na Anelise adulta o desejo de casar e ser mãe. Mas o que ocorrerá com uma mulher frustrada que projetou em Adélia o primeiro grande amor de infância, que dera o primeiro beijo no primo, Otávio, efeminado, por consequência da educação dada numa família de mulheres?

“O quarto fechado”, de 1984, por sua vez, trará à baila a história de um clã desestruturado no qual se destacam as figuras de Renata – *“Pianista de sucesso que descera aos palcos para o mundo de Martin, um mundo de terra-a-terra, forte e racional (...). Tentara trocar a arte pela vida doméstica, mas cedo o novo ambiente lhe pareceu vulgar. Até então concentrada em si mesma, não conseguia se repartir”*³.

Nesse contexto, Martin representa o patriarca repressor, aglutinador de valores retrógrados. Mas, que se apaixonara por Renata e sua delicadeza enquanto artista. Todavia, a união desses opostos não trouxe bons frutos. Ao nascerem os filhos gêmeos Camilo e Carolina, Renata se sente cada vez mais um *gauche*, uma hóspede. Pior: o que aconteceria com dois gêmeos socializados em meio a valores que se chocam?

Já em “A asa esquerda do Anjo”, Gisela ou Guisela, vê-se inadaptada a uma família comandada por sua avó, a autoritária matriarca Frau Wolf. Perdida entre os valores alemães, personificados na figura da avó, e a cultura brasileira, representada pela mãe, Gisela lutará por um *ethos*. Entretanto, a todo momento se defrontará com mortes dolorosas, culpas, hipocrisia, opressão e desejo constante de aprovação num espaço onde ela nunca corresponderia aos anseios de Frau Wolf. Resta a protagonista desfraldar seu caminho, numa trajetória em que a família é desmascarada. Mas de que forma? Que segredos este seio esconde?

Entre Sótãos e Porões: gênero e desencontros

Em seu artigo “Uma família de Do(i)Das: Considerações sobre o gênero em As Parceiras” de Lya Luft, a professora Grácia Regina Gonçalves afirma que:

as personagens femininas Luftianas dificilmente se definem e nunca se realizam sexualmente; ha um certo resgate da imagem do homem que se mostra em sua plenitude com apelo ao a-sexo, nem ao masculino, nem ao feminino num irreverente

³ LUFT, Lya. *O quarto fechado*. Rio de Janeiro. Editora Record, 1984. p.15.

*esvaziamento de rótulos e, ao mesmo tempo, numa comovente recriação do ser*⁴.

As afirmações da professora Gonçalves sustentaram-se nas considerações teóricas sobre o gênero de Jane Flax a qual alude à proposta que o feminismo instaurou:

*O gênero, tanto como categoria analítica quanto como processo social, é relacional (...) na perspectiva das relações sociais, homens e mulheres são ambos prisioneiros das relações de gênero, embora de modos altamente diferenciados, mas inter-relacionados. O fato de que os homens pareçam ser e (em muitos casos) sejam os guardiães, ou pelo menos os tutores, dentro de uma totalidade social, não nos deve cegar em relação à extensão em que eles, igualmente são governados pelas regras de gênero*⁵.

Em Lya Luft, as narrativas suscitam o (des)encontro do gênero. Via de regra, os personagens masculinos, por vezes, são efeminados, enquanto algumas mulheres são, como afirmou Grácia Regina, fálicas, como *“Mariana, mulher do primo Otávio e Aretusa, a cunhada de Reunião de Família, tipos na contra-corrente do feminino”*. O que provoca uma reflexão acerca da construção da identidade dessas personagens.

Fruto da educação primária, elas serão oscilantes no que se refere ao gênero. Vivendo em um espaço protagonizado por avós e mulheres-mães frustradas, os netos, os filhos, respectivamente, enfrentarão o medo, a castração, o caos, a lama que os arrasta para o processo psicanalítico. Quanto ao gênero, há um desencontro quanto aos padrões do patriarcado. As mulheres dificilmente atenderão ao modelo de doméstica subserviente – *“Não sou uma pessoa como as outras. Sou uma artista*⁶”. Esta mulher, artista, ao tentar se adaptar ao padrão do feminino convencional enfrenta um processo de derrocada e isso refletirá na educação dos filhos: os gêmeos Camilo e Carolina são educados sem nenhuma noção do que seria masculino e/ou feminino. – *“Era uma moça? Um rapaz? O sexo não se definia (...) chamava-se Carolina, mas poderia ser Camilo: O nome lhe assentaria igualmente bem*⁷”.

Martin, o pai opressor, tentara de forma vigorosa separar os univitelinos, visando principalmente que o filho reproduzisse seus valores – *“garoto que só anda com a*

⁴ GONÇALVES, Grácia R. *Uma família de Do(i)Das: Considerações sobre o gênero em As Parceiras* de Lya Luft, In: *Interações Dialógicas: Linguagem e Literatura na Sociedade Contemporânea*. Viçosa: Editora UFV, 2004. p. 114-115.

⁵ FLAX, J. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: HOLANDA, H. B. (org). Pós-modernismo e Política. Rio de Janeiro. Rocco, 1994, p.227-228.

⁶ LUFT, Lya. *O quarto fechado*. Rio de Janeiro. Editora Record, 1984. p.20.

⁷ LUFT, Lya. *O quarto fechado*. Rio de Janeiro. Editora Record, 1984. p.28.

*irmã vira maricas*⁸. Contudo, Camilo, tendo sempre a figura e os atos de mulheres como modelo, não segue a imagem pré-estabelecida para ele. Ao contrário, confundia-se com a própria irmã, cúmplice:

*Certa manhã o rapaz deitou-se com Carolina no quarto dela em casa de mamãe. Penetrando-a numa raiva sem ternura, de repente ele soube que era um instrumento na mão daqueles dois (...) No rosto desfeito de Carolina desejava beijar e morder a face de Camilo (...) Carolina num longo espasmo, tivera o lampejo: Eu sou Camilo (...) O rapaz soube que Camilo se oferecia ele nela, buscando através dela no prazer que era agonia e dor algo que o lançasse para além do limite*⁹

Contrariando tanto o pai, quanto o ideal deste opressor que leva o filho ao suicídio – “*Matou-se por causa do pai*”¹⁰.

Stuart Hall, em sua leitura da formação da identidade na pós-modernidade, faz referência à teoria freudiana, a qual vê “*nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos como parte de um eu inteiro e unificado que é algo apreendido pela criança apenas gradualmente e com grande dificuldade. Ela não desenvolve naturalmente a partir do núcleo de ser criança, mas é formada em relação com os outros*” (HALL:2001;37).

Gisela, protagonista de “A asa esquerda do Anjo”, vive em um constante conflito, numa eterna busca de si mesma. Seu pai é um submisso às imposições de Frau Wolf – “*minha avó criara para si uma pátria, carregava-a consigo, ditava suas leis e calculava seus valores*”¹¹. Prova de que nesta narrativa o patriarcado não reina no espaço onde tudo é comandado pela matriarca. Quanto à mãe da personagem principal, era uma brasileira relegada ao esquecimento, à marginalização – “*minha mãe permanecia aparentemente intocada por aqueles conflitos: os dela eram outros*”¹². Nesse contexto Gisela vê-se em meio ao domínio e comando da matriarca. Os homens quase não possuem o direito de decisão. A palavra final é sempre a de Frau Wolf. Inclusive o nome da protagonista deveria ser pronunciado, segundo sua avó, em alemão: Guisela – “*nem nome certo eu tinha. E as coisas, as que pensava e sentia, em que palavras expressa-las: em alemão ou português?*”¹³.

⁸ LUFT, Lya. *O quarto fechado*. Rio de Janeiro. Editora Record, 1984. p.31.

⁹ LUFT, Lya. *O quarto fechado*. Rio de Janeiro. Editora Record, 1984. p.96..

¹⁰ LUFT, Lya. *O quarto fechado*. Rio de Janeiro. Editora Record, 1984. p.43.

¹¹ LUFT, Lya. *A asa esquerda do Anjo*. Rio de Janeiro. Editora Record, 1984. p.23.

¹² LUFT, Lya. *A asa esquerda do Anjo*. Rio de Janeiro. Editora Record, 1984. p.23.

¹³ LUFT, Lya. *A asa esquerda do Anjo*. Rio de Janeiro. Editora Record, 1984. p.25.

Sob o domínio de Frau Wolf, Gisela, uma das metáforas do anjo torto, esconde seus monstros num simbólico porãozinho, representação do próprio inconsciente, que marcará no final da trama o ápice da erupção: quando Gisela defronta-se com seus fantasmas:

Na mesma noite percebi a criatura dentro de mim. Está atolada na minha garganta. Se houvesse alguém para me ajudar a parir, talvez avistasse uma ponta sem rosto. (...) Criei coragem estou me libertando (...) acabou-se a encenação (...) Num espasmo de vomito consegui expelir o resto de uma só vez (...) ele veio das entranhas¹⁴.

Para Stuart Hall, a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato existente na consciência no momento do nascimento (HALL: 2001; 38).

Já Anelise, protagonista de “As Parceiras”, é marcada por uma busca e por um acerto de contas consigo mesma. Consequência de que? Dos monstros e fantasmas paridos na socialização primária: a avó abusada e louca, a mãe ausente, o pai que a via muito mais “*com carinho de médico do que com amor paterno...*” Destaque-se aqui a relação de Anelise com Otávio, ser frágil, sensível, exemplo de quebra do macho padrão.

A confiança que a criança em circunstâncias normais, investe nos que cuidam dela pode ser vista como uma espécie de inoculação emocional contra ansiedades existenciais, uma proteção em relação contra ameaças e perigos futuros que permite que o indivíduo mantenha a esperança e a coragem diante de quaisquer circunstâncias debilitantes que venha encontrar mais tarde (...) a confiança básica se liga de maneira essencial à organização interpessoal do tempo e do espaço. Uma consciência da identidade separada das figuras materna e paterna se origina da aceitação da ausência: a fé em que aquele que cuida vai voltar, mesmo que ele ou ela não mais esteja na presença da criança. (GIDDENS: 2002; 42-43).

Anelise, sem ter um “casulo protetor”, adultos que cuidassem dela, vive em meio ao dilaceramento, à angústia e ao medo. O que a leva à ruína, prova disso é a mulher de branco, ser a quem a protagonista faz referências a todo instante na trama, como se fosse um refúgio, uma proteção imaginária, ser que ela só reconhece ao final da narrativa, depois de constatar: “*família de perdedoras*” (...) *De repente sei quem é. Não entendo como não a reconheci antes. Então era por mim que ela estava esperando todo esse tempo. Esse longo tempo. Descemos de mãos dadas*”¹⁵.

¹⁴ LUFT, Lya. *A asa esquerda do Anjo*. Rio de Janeiro. Editora Record, 1984. p.107-108.

¹⁵ LUFT, Lya. *As Parceiras*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980, p.126-127.

Esse ser enigmático, quem seria? Ela própria? O seu duplo? A falecida avó Catarina? Adélia?

Considerações Finais

Estudar a literatura é buscar o não-dito; é debruçar-se nas entrelinhas do texto, tendo consciência de que os significados jamais chegam ao fim. É um enfrentar os desafios existentes nas lacunas da arte. Seguindo essa concepção, ler a obra de Lia Luft tornou-se uma viagem pelos labirintos tanto da linguagem utilizada em suas tramas quanto na psique de suas personagens. Tais labirintos nos levam a uma infinitude, o que exige de nós uma delimitação de campo e estudo. Fruto disso, aqui visualizou-se a construção do gênero enquanto consequência da educação primária, temática recorrente nos textos lufitanos é pela socialização primária que os seres visitarão certas representações, de modo a serem elucidados pelos adultos que supostamente passariam imagens, valores, ideologias referentes a construção da identidade tanto masculina quanto feminina. Destaca-se, entretanto, a certeza de que alguns desses personagens serão como disse professora Gonçalves “assexuados” e “sexo e gênero são cartas bem marcadas sem valor nessa mesa de jogo”.

Referências Bibliográficas

CAVALCANTI, Joana. *Caminhos da Literatura Infantil e Juvenil*. São Paulo: Paulus, 2002 p.16.

GONÇALVES, Grácia R. *Uma família de Do(i)Das: Considerações sobre o gênero em As Parceiras” de Lya Luft, In: Interações Dialógicas: Linguagem e Literatura na Sociedade Contemporânea*. Viçosa: Editora UFV, 2004. p. 114-115.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LUFT, Lya. *A asa esquerda do Anjo*. Rio de Janeiro. Editora Record, 1984.

_____ *O quarto fechado*. Rio de Janeiro. Editora Record, 1984.

_____ *As Parceiras*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.